

Resenha:

A primazia do literário pensa sem conceitos

Luiz Fernando Dias Pita (UERJ/Abrafil/AdE)

Resenha de:

GOYET, Florence. *Pensar sem conceitos*: a função da epopeia guerreira (*Iliada*). Tradução de Christina Ramalho e Antonio Trindade. Aracaju: Criação, 2021.

Uma revolução silenciosa tem ocorrido, nos últimos trinta anos, no âmbito dos Estudos Culturais: trata-se do advento de novas correntes teóricas que tanto desconstroem, quanto recompõem o outrora onipresente Estruturalismo, cujas linhas de pensamento têm se tornado, cada vez mais, alvo de questionamentos e relativizações formuladas por uma nova geração de estudiosos e pensadores que, analisando-o com as lentes do tempo, puderam detectar suas fissuras e pontos fracos. Esta nova geração, ademais, vem apresentando alternativas – algumas das quais simbióticas ao Estruturalismo – que trazem novas oportunidades de análise e releituras da produção cultural.

Tal processo, embora presente em todas as áreas, tem se manifestado mais enfaticamente no subconjunto circunscrito aos Estudos Literários. Assim, assiste-se a uma intensa produção de estudos que, realizados por meio de novas abordagens e perspectivas teóricas, colocam em xeque interpretações que se tomavam por consolidadas, trazendo novamente à pauta acadêmica obras sobre as quais, acreditava-se, tudo a respeito já teria sido dito.

Contudo, esse novo quadro não se mostra de modo algum homogêneo: como já seria esperado, há produções e períodos históricos, nacionais ou estrangeiros, que, pelos mais diversos motivos, recebem mais espaço que outros. Um sucinto exame do panorama mostra que o alvo preferencial de tais abordagens tem sido aquelas obras: *a)*, consideradas canônicas; *b)*, realizadas nos idiomas dominantes no cenário internacional; *c)*, das nações que constituíram o que se costumou chamar de “literaturas centrais” e *d)*, durante os períodos históricos em que aquela nação ocupava posição de destaque – ou mesmo hegemônica – no cenário político internacional. O somatório de tais fatores acaba por contribuir para o detrimento de obras, e mesmo literaturas nacionais inteiras!, que não preenchem algum(ns) desses pré-requisitos.

Nesse contexto, fica claro o porquê de as chamadas “literaturas clássicas” ficarem relegadas a segundo plano: embora sejam consideradas a base do cânone ocidental, ditas literaturas foram produzidas em idiomas já extintos, usados por nações que, embora tenham sido hegemônicas, hoje não mais existem. Em decorrência disso, apesar de as grandes obras do universo greco-romano continuarem sendo reeditadas e, nos últimos quinze anos, terem

fornecido subsídios para uma série de versões teatrais e/ou cinematográficas, percebe-se que há, no plano dos Estudos Literários propriamente dito, uma ausência de novas interpretações das literaturas grega e latina, com baixa produção crítica sobre ambas.

Essa situação se agrava quando, analisada essa produção, constata-se que a mesma, lamentavelmente, muitas vezes se reduz à retransmissão, sob nova roupagem, de um corpo de conhecimento já consolidado e cristalizado - posto que recebido pela tradição - o qual, além de não apresentar novas informações, tampouco permite novos questionamentos. O triste resultado é a quase total ausência de novas visões e posicionamentos sobre os quais proceder-se à análise de tais literaturas, o que se reflete diretamente na maioria dos textos produzidos a respeito das mesmas.

Esse quadro deixa nítida a necessidade de novas estruturas teóricas que propiciem novas leituras do mundo antigo, através da produção de novas referencialidades e chaves de interpretação da produção cultural daquele universo. Essas novas estruturas - que em alguns casos chegam a ser vistas como novos paradigmas teóricos - têm, contudo, se manifestado na produção de novos autores e pesquisadores, oriundos principalmente de círculos acadêmicos na Europa continental. Embora a atuação desses pesquisadores já possa ser vista como algo novo no horizonte, sua produção ainda não se constituiu em paradigma dominante nos Estudos Clássicos, o que indica a permanência daquela necessidade supramencionada.

Enfim, se esse panorama, por si só, já se nos mostra como um tanto desolador, convém frisar que essa situação não é exclusiva do panorama nos Estudos Clássicos no Brasil, uma vez que, entre nós, a situação recebe um agravante: como dito, grande parte da produção intelectual sobre o mundo clássico, em qualquer de suas vertentes teóricas, é abundante na Europa continental. Entretanto, pouco dessa produção chega até nós, em função do cada vez mais escasso conhecimento de suas línguas originais (e falo apenas de francês, alemão e italiano) entre os pesquisadores brasileiros, os mais jovens dos quais são em geral fluentes em apenas uma língua estrangeira.

Em meio a tudo isso, há, porém, uma feliz dissonância, representada pela publicação, em 2006, de *Penser sans concepts: fonction de l'épopée guerrière*. Tal obra resulta das extensas e profundas pesquisas realizadas por Florence Goyet, professora titular de Literatura Geral e Comparada da Universidade de Grenoble-Alpes, pesquisas que partem de uma premissa teórica tão ampla quanto ousada: trata-se de pensar de que forma, ao longo do tempo e em diferentes culturas, produziu-se a tipologia narrativa a que ela denominou *epopeia guerreira*. Tomando por base o exame de três obras que considera paradigmáticas, Goyet procede a toda uma nova análise das mesmas e, em decorrência, determina qual a função, ou funções, que tal tipologia exerce *sobre e no* meio social do qual se alimenta e ao qual, simultaneamente,

alimenta.

Tendo selecionado, para seu *corpus*, obras tão importantes como a *Iliada*, texto basilar da literatura grega e do cânone ocidental; a *Canção de Rolando*, considerada a primeira epopeia de língua francesa; e *Hôgen e Heiji monogatari*, dois textos que se complementam e que são fundamentais para a compreensão do processo escritural do Japão medieval; o fato é que qualquer análise encetada por Goyet não poderia ser menos audaciosa, e por isso mesmo, quaisquer das costumeiras ferramentas a que os teóricos da literatura soem basear-se para a compreensão do fenômeno literário tornam-se, se não inúteis de todo, em grande escala inaplicáveis.

Em função disso, Goyet defende, e sua obra é a demonstração prática dessa defesa, que é mister despir-se daquele *corpus* conceitual recebido pela tradição e, escudando-se tão somente nas próprias obras, extrair delas um novo conjunto de postulados teóricos, aplicáveis às três obras e, por extensão, a todas aquelas passíveis de enquadramento da tipologia *epopeia guerreira*.

Em razão disso, a primeira parte de sua obra, dedicada à *Iliada*, que chega até nós sob o título *Pensar sem conceitos: a função da epopeia guerreira (Iliada)* e como resultado dos denodados esforços dos tradutores Christina Ramalho e Antonio Trindade, esquadrinha diversos aspectos do texto homérico, apresentando-nos uma série de novas abordagens pelas quais se pode tanto descobrir novos ângulos quanto repensar-se um texto sobre o qual já se escreveram tantas análises, que dificilmente se poderia crer que ainda haveria algo novo a ser dito.

Essas novas abordagens revestem-se de inusitado valor tanto pelo realce de elementos sobre os quais a maioria das análises já realizadas em geral não se debruça: episódios, citações, termos e expressões que, anteriormente analisadas sob a lupa daquele ferramental teórico costumeiro, e que Goyet descartara, não puderam despertar a atenção dos que se dedicaram à obra.

Assim sendo, não é fortuito o fato que, ao lermos o texto de Goyet, logo percebamos a escassez de referências e citações alheias: não que elas não estejam presentes, mas o fato é que são usadas de forma assaz discreta, uma vez que não desempenham o papel – lamentavelmente tão comum – de trazer os conceitos teóricos a partir dos quais se abordam um determinado texto, e da qual se produz resultados que, quase invariavelmente, tendem a justificar, pelo texto, a teoria apresentada na citação.

Ao *pensar sem conceitos*, Goyet estilhaça esse procedimento, e não se visa mais encaixar de uma obra em um padrão teórico pré-determinado; mas, ao contrário, produzir, a partir do contato direto e não-intermediado com o texto, toda uma (nova) teorização, que, por tabela, aporta um novo vicejamento aos Estudos Clássicos. Ao fazê-lo, Goyet acaba não apenas por lançar novas luzes sobre a *Iliada* – o que, sob qualquer circunstância, já não seria pouco – mas também por evidenciar, na prática, a primazia do texto literário sobre

toda teorização; afinal, como nas palavras de Goethe, já Mefistófeles dissera ao velho Fausto que *“cinza é toda teoria; mas verde, meu amigo, é a cor da árvore da vida”*.

LOBO, Luiza. Fábricas de Mentiras: do Vale do Café ao Arco do Triunfo. 1^a. edição. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, 2022.

Amós Coêlho da Silva (UERJ / ABRAFIL)

Romance sobre as fazendas do Vale do Café e suas vantagens econômicas. Acompanha a angústia do trabalho escravo e os caprichos de herança patriarcal através de casamentos escolhidos por perspectivas interesseiras que se aliam às conveniências consanguíneas, *numa sociedade de estamento*, como se se referiu na orelha da capa.

Eufrásia Teixeira Leite rejeita as regras patriarcais, deixa as fazendas sob gerenciamento escolhido e vai residir na cidade do Arco do Triunfo com patrimônio herdado, enfrentando um desafio social novo para o feminino, que é o fato de lidar com investimentos de ações, antes, até então, só de competência masculina.

Há uma cronologia que começa em 24 de dezembro de 1766, com o nascimento do alemão Johann Friedrich Landhof que se casou com a alemã Anne-Sophie Frolich. O casal se estabelece em Lisboa... um dos membros da família, Friedrich Rudolf Landhof, casado com Katherine Laidley, chega ao Brasil em 1827; um outro, Alexander Wilhelm Landhof vem para o Brasil, Rio de Janeiro, em 1840. É neste compasso e se expande uma baronia, quer dizer, um duplo do homem. Uma certa falta de remorso inconsciente de Eufrásia, cuja etimologia é *do gr. euphrasia* (“alegria”), cf. MACHADO, José Pedro. Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, Porto: Confluência, s/d.

Se quiséssemos retirar algo de Foucault, autor de *As Palavras e as Coisas*, para citar aqui, ao ler *Epígrafes* (p. 11) e “- *J'ai mes pauvres...!* – repetindo, sem saber, o que dizia o barão de Vassouras, seu tio-avô, à janela de sua mansão em Vassouras.” (p.385), seria de uma passagem da passagem *VIII O SONO ANTROPOLÓGICO: Nietzsche encontrou o ponto onde o homem e Deus pertencem um ao outro, onde a morte do segundo é sinônimo do desaparecimento do primeiro, e onde a promessa do super-homem significa, primeiramente e antes de tudo, a iminência da morte do homem.* (pp. 472-3)

Os pais de Eufrásia, Joaquim José Teixeira Leite e Ana Esméria Correia e Castro – neta do barão do Campo Belo e vem a ser sobrinha de

Francisco José Teixeira Leite – barão de Vassouras, como se vê, os bens de família circulam na linhagem do parentesco e assim, poderemos nos atermos ao relato dos Teixeira Leite.

Desde a chegada daqueles, lá atrás ao Brasil que há de se configurarem interesses financeiros e de criarem um clima patriarcal no seio destas famílias no Vale do Café.

Reproduzamos aqui uma passagem de Eufrásia. É o episódio na página 304 que ocorre entre ela e seus pais. Num primeiro momento, Eufrásia estava hesitante em aceitar por esposo Joaquim Nabuco. Seu pai, após a preocupação da mãe que estava atenta ao fato de Eufrásia já contar com 21 anos e não dar importância ao vantajoso partido de visconde Taunay, embora isso afastasse a família de Secretário. Quer dizer, o grupo consanguíneo de Joaquim Nabuco... lhe orienta: *Eufrásia, você jamais terá qualquer futuro com um marido pobre, mal colocado na sociedade... Para que comprei o mais belo palacete das Laranjeiras? Para que construí uma fortuna para você? Por que enterrar seu futuro nesses sonhos românticos, que vão lhe trazer infelicidade amanhã? O que espera deste Quincas, um rapaz sem eira nem beira?*

Este “Quincas” é o Joaquim Nabuco, abolicionista da escravatura e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras; e Eufrásia, neste momento, o via como poeta. Ele notou sua falta de dom. Também lhe causava mal estar agir como a personagem alencariana, Fernando Seixas, do romance *Senhora*. Aliás, escreveu uma resenha que classificava a obra de Alencar como *impossível e imoral...* (p. 361) Diante de novas posturas de Eufrásia e as chacotas que Quincas experimentou como possível *caçador de dotes* (p. 362) – nem por esta razão procurou ganhar salário proveniente de trabalho -; mas também dado o apego de Quincas às orientações maternas, *a crítica arrasadora a esse excelente romance, que publicou, lhe serviu de catarse, já que havia perdido a noiva para Paris.* (p.362)

Joaquim Nabuco ainda conquistou a simpatia da escritora Nísia Floresta ao seu empenho político: a sua causa escravagista. Mesmo enciumada Eufrásia, após descobri o blefe de Nísia como escritora de renome e além de mulher de idade e feia, deixou-a de lado. O arrefecimento da relação entre Eufrásia e Quincas se dará, após a negação de Eufrásia ao empréstimo de dinheiro para financiar a eleição política de Joaquim Nabuco. Reatam relações, mas o empecilho de uma idade feminina, Eufrásia aos 27 anos, afasta a possibilidade de casar-se com Quincas. Enfim, os interesses políticos de Joaquim Nabuco arrefeceram de vez o relacionamento amoroso dele, pois defendia o partido liberal e Eufrásia e família, pertencendo ao partido conservador, e, *embora os Teixeira Leite não defendessem a escravidão, pois quase nenhum deles*

tinha fazenda, seus negócios – banco, casa comissária, empenhos de safras – provinham, indiretamente, do café e do financiamento de safras, e, portanto, dos escravos. (p. 390) Ela chega a comunicar a ele a sua intenção de livrar-se de um *anathème*, isto é, ela libertar seus escravos, portanto, livrar-se da excomunhão dos detratores, adversários políticos de Joaquim Nabuco. É interessante que este sotaque francês esconde uma censura dupla: sua atuação feminista e seu desdém à ética de Nabuco, que *não tinha escravos, pois não possuía qualquer propriedade!* (p. 396)

Há entrelinhas interessantes, ou se se quiser nietzschianas, na narrativa da Autora quando menciona neste momento de tensão em que Eufrásia não queria *mais ninguém trabalhando para ela sem salário – aliás, miseráveis salários. Eufrásia pensava em Antônio, seu querido Antônio, que cuidava de seu burro Pimpão.* (p. 397) A tensão recrudescia e, se começasse agora, eu aqui vulnerável, uma revolução, estimulada pela opressão escravocrata? Isso ocorre em sua mente ao olhar a belas rosas vermelhas *nos vasos de Sèvres ... trazidas por Nabuco* (Idem). O que fazia com que ela se notasse *com o eterno “noivo”* (p. 399) que ele não tinha a perder, mas ela... Isso tudo deixará Quincas desolado, ou ainda, como descreve com finura a Autora “blue devils”... É interessante notar que azul, em português, conota *bom ânimo* – como na expressão popular “Tudo azul, Fulano?”, porém, em inglês, é tristeza, melancolia.

No entanto, tal depressão de Quincas haveria de se apagar perante um novo encontro: trata-se de Evelina, Joaquim encontrou *guarida nos braços da segunda herdeira do café disponível.* (p. 414) Era *o teu inveterado e a jovem católica fervorosa.* (Idem)

Um caça-dotes, tão antigo e tão presente em tempos modernos do século XIX para o XX, como nos lembra Junito Brandão (p. 33) *in Helena: o eterno feminino*, da Editora Vozes, em grego ἔεδνα, *presente de casamento, dote* – sua antiga raiz indo-europeia é *wedh (...) *para designar “casar” para o homem*, [portanto, é] *“assenhorar-se da mulher”*. Ainda há a expressão grega para se referir ao homem: γαμεῖν τινα – *significa literalmente “tomar alguém por esposa”*. *Para a mulher pode empregar-se o mesmo verbo, porém na voz médio-passiva e com dativo: γαμεῖσθαι τινι “ser tomada por alguém como esposa”*. Como se vê, a enunciação fica bem clara gramaticalmente, pois o homem é ação e a mulher passividade; e o dativo reflete total aproveitamento da ação passiva do verbo. *Em latim as coisas ainda são mais claras: ducere uxorem, “conduzir a mulher”, domum, (para casa), é “casar” para o homem. Para a mulher não se tem, a bem dizer, um verbo específico. (...) Nubere alicui é propriamente “cobrir-se com o véu”, “velar-se”, que é um rito inerente às núpcias.* A História concretizou a significação de metáfora com sentido de

pureza, ou seja, a conservação da virgindade feminina, conforme a derivação “nubente”, a que se cobre com véu branco, a cor da “nubes”, “nuvem”.